

Felicidade, de Luiz Vilela: O homem como vítima de suas criações culturais.

Vera Regina Vargas
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – *Campus* de Marechal Cândido Rondon

RESUMO: O conto Felicidade, de Luiz Vilela, aponta a problemática vivenciada em nossos dias: o personagem precisa fingir uma aparência de felicidade para sustentar as relações que atraiu para si mesmo, sobrepondo a perspectiva do outro sobre seus próprios conceitos de felicidade. Por conveniência, então ostenta sorrisos sem graça ao ser surpreendido com uma festa de aniversário surpresa que sua mulher organiza em sua homenagem. Sucumbindo seus reais interesses para aquela noite, apenas consegue sentir um pouco de felicidade quando, trancado em seu banheiro, consegue ficar sozinho e assim revela sua real necessidade e desejo. Assim, vamos perceber que o conceito de felicidade do personagem nada tem a ver com o estereótipo criado culturalmente em torno dela, e mesmo assim ele se esforça para sustentar uma aparência, na necessidade do pertencimento, do sentir-se enquadrado com o grupo social ao qual pertence. Deste modo, o trabalho tratará de analisar a perspectiva do eu e do outro em relação à sua satisfação, bem como a necessidade de enquadramento às normas estabelecidas pela sociedade, avaliando a busca contínua pelo estado de felicidade. Para a consecução desta análise, o trabalho fundamenta-se nas considerações teóricas de Freud (1974).

PALAVRAS-CHAVE: Cultura, enquadramento, felicidade.

O presente trabalho faz uma análise do personagem do conto Felicidade, de Luiz Vilela, através da observação de como este lida com os padrões comportamentais estabelecidos pelo meio social em que está inserido. Dessa maneira, busca investigar como se dão as relações em termos de felicidade, sob a perspectiva do “eu” e do “outro”. Veremos, assim, a necessidade de enquadramento, numa busca pela satisfação pessoal plena.

O ser humano, em toda a história da ciência e da filosofia, não desvendou o que é ser feliz e como conseguir sê-lo. Hoje, percebe-se uma busca desenfreada por encontrar a felicidade. Assim, alguns buscam isso através de uma síndrome comportamentalista, em que o ter tenta suprir o espaço deixado pela falta de um ser satisfeito. Também, há evidências da busca pelo ser feliz nos números exorbitantes de venda de livros de auto-ajuda, de adeptos a tantas novas religiões que prometem uma felicidade eterna através da fé, ou de busca por profissionais de psicanálise. Então, veremos o que Freud, que é considerado o “pai da psicanálise”, tem a nos dizer sobre essa necessidade de ser feliz.

Para Freud o desejo é que põe em movimento o aparelho psíquico e o orienta segundo a percepção do agradável e do desagradável, sendo que nasce da zona erógena do corpo e só pode ser satisfeito de forma parcial.

[...] Ficamos inclinados a dizer que a intenção de que o homem seja ‘feliz’ não se acha incluída no plano de ‘Criação’. O que chamamos de felicidade no sentido mais restrito provém da satisfação (de preferência, repentina) de necessidades represadas em alto grau, sendo, por sua natureza, possível apenas como uma manifestação episódica. Quando qualquer situação desejada pelo princípio de prazer se prolonga, ela produz tão somente um sentimento de contentamento muito tênue. Somos feitos de modo a só podermos derivar prazer intenso de um contraste, e muito pouco de um determinado estado de coisas. (...). (FREUD, 1974, p.9)

O conto Felicidade apresenta uma história que, sem parágrafos ou pontos, mostra a relatividade de um tempo que se estende, numa dureza da necessidade de fingir papéis socialmente aceitáveis. Desse modo, o personagem é surpreendido com uma festa surpresa de aniversário e vê-se encurralado por não ser esse o desejo para uma noite especial. Vemos que as cenas ocorrem no apartamento do personagem, iniciando no espaço público da casa – que estava cheia de convidados, e termina no banheiro, lugar em que, sozinho, o personagem consegue ter um momento de felicidade. A narrativa se dá na terceira pessoa do singular, num discurso direto-indireto.

[...] olhavam e sorriam sem graça e ele também sorria e suas mãos entravam nos bolsos e saíam e sua mulher ao lado era também apenas um rosto sorrindo e ele sentiu como estava longe dela naquele instante tão perdidamente longe que seu grito de solidão jamais chegaria até ela (...). (VILELA, XXXX, p.)

O tema abordado é a questão das aparências, do enquadramento social a que as pessoas são submetidas por fazerem parte de um grupo. O tema é a perspectiva de felicidade, que nem sempre e dificilmente é igual a todas as pessoas ou sociedades. Então, vemos que se trata de uma questão relativa, em que muitas vezes integrantes de um mesmo grupo não comungam da mesma perspectiva em termos de felicidade, mas sucumbem aos desejos do eu em prol do outro, mantendo as aparências e a sensação de pertencimento.

Freud, em *O mal-estar na civilização*, afirma que não percebemos o motivo de certos regulamentos que, mesmo tendo sido estabelecidos por nós mesmos, não representem proteção e benefício. Aponta, assim, para três fontes de sofrimento que impedem o homem de se apropriar da tão sonhada felicidade:

[...] três fontes de que o nosso sofrimento provém: o poder superior da natureza, a fragilidade de nossos próprios corpos e a inadequação das regras que procuram ajustar os relacionamentos mútuos dos seres humanos na família, no Estado e na sociedade. (FREUD, 1974, p.14)

Vemos, então, a fragilidade de Edgar diante das regras de ajustamento social, buscando manter uma aparência mesmo num estado de dissonância cognitiva: ele abre mão de seu verdadeiro desejo em prol do convívio harmônico com o grupo de convidados de sua esposa. A esposa, que organiza a tal festa, vale-se de sua própria concepção de felicidade, acreditando que seu marido também comungaria de tal visão. O personagem, então, apesar de não desejar tal situação e estar em meio a um conflito interno amedrontador, vê-se em meio às cobranças implícitas da mulher, confessadas pela troca de olhares, tentando convencê-lo de que ele precisa discursar por ser o papel que lhe cabe naquele momento.

[...] e olhou de novo para a mulher e ele estava pedindo socorro e ela estava sorrindo e esperando que ele falasse pois era o seu aniversário e os convidados estavam ali e ele tinha soprado as velas e haviam cantado parabéns pra você e agora era hora de ele falar qualquer coisa (...). (VILELA, XXXX, p.)

Percebe-se que por diversos momentos Edgar, que sente-se interiormente arrasado por não estar realizando o que verdadeiramente lhe faz bem, esforça-se para que seus sorrisos sejam convincentes, inventando uma desculpa para não fazer o discurso

[...] *você não está se sentindo bem?* Era sua mulher e ele sacudiu a cabeça sorrindo e alguém falou *é a emoção* e ele sorriu e outra pessoa falou outra coisa engraçada e todos começaram a rir e falar e então ele falou que o perdoassem mas não se sentia inspirado e que lamentava (...). (VILELA, XXXX, p.)

Segundo Freud (1974), uma das técnicas para afastar o sofrimento é afastar-se da situação indesejada. O personagem da história de Luiz Vilela toma, então, essa atitude, considerando tal realidade como inimiga, não restando a fuga ou o rompimento com aquilo que não lhe dá prazer.

[...] O eremita rejeita o mundo e não quer saber de tratar com ele. Pode-se, porém, fazer mais do que isso; pode-se tentar recriar o mundo, em seu lugar construir um outro mundo, no qual os seus aspectos mais insuportáveis sejam eliminados e substituídos por outros mais adequados a nossos próprios desejos.. (FREUD, 1974, p.12)

Através da fuga daquela instituição cultural a que ele formalmente é integrante, vemos o ápice da narrativa: Edgar consegue relaxar e sentir felicidade, já que está solitário, senta-se na quina da banheira, em seu banheiro silencioso, longe daquelas máscaras que precisou usar no fingimento de seu

conforto emocional. Naquele lugar, ele sente que pode ser ele mesmo e isso para ele, de acordo com a narrativa, o conduz à sensação de felicidade.

[...] ele estava pensando quê que tinha tudo aquilo a ver com os seus quarenta anos e então riu [...] não estava com vontade nenhuma de rir e havia mais de uma hora já que sua boca estava rindo e sorrindo sem parar e ele não agüentava mais e então pediu licença e atravessando a sala e a copa e o corredor sorrindo mais uma porção de vezes trancou-se no banheiro e sozinho sentado na quina da banheira para a porta trancada e pensando que pelo menos durante alguns minutos não teria de sorrir ou de falar ou de apertar a mão de alguém ele pela primeira vez naquela noite sentiu um pouco de felicidade.(...). (VILELA, XXXX, p.)

Todavia, vemos que a reinvenção ou substituição da realidade que se faz inimiga de sua constituição psíquica, faz de Edgar um ser que experimenta a sensação da felicidade naquele momento em que seu desejo, após tanto tempo de represália, agora lhe é concedido. Assim, podemos dizer que, conforme Freud, o desejo satisfeito após um longo período de espera, produz o sentimento de contentamento, sendo o experimento de um momento feliz e não de um estado de felicidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, S. *O mal-estar na civilização* [1929]. In: *Edição Standard*. Rio de Janeiro: v. XXI. Imago, 1974.

VILELA, Luiz. *Felicidade*.